

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: GAY GIRLS RIDING CLUB**  
**20 de setembro de 2022**

**THE ROMAN SPRINGS ON MR. STONE / 1963**

*Um filme de Connie B. de Mille*

*Realização: Connie B. de Mille / Argumento: Loretta / Som: Hattie / Direção Artística: Jay e Eddie / Interpretações: Michele Lay (Karen Stone), Antonio Vierra (Paulo), Lottie Zircon (Condessa), Rosallini Zuck, Carlo Galloway, Gesepi Cooper, Deano Burdine, Vittorio Cote, Gina Henzle, Louige Hack, Sophia Uhte, Silvana Meland, Loretta Magnani / Cópia: DCP, a preto-e-branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 19 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**SPY ON THE FLY / 1967**

*Um filme de Ray Harrison*

*Realização, Produção e Argumento: Ray Harrison / Montagem: Ron Sexton / Engenharia Sonora: Les Knight / Direção de Fotografia: J. G. Randall / Música: David Sherriff / Interpretações: Warren Freming (Agente 0069), Rod Arthur (Nick Darcentas), Jorgen Baxter (Jay Dee), Saul Bernard (Don Dilly), Richard Blake (Dimitri), Chuck Bratton (Peter Douglas), Roger Brennan (Marty Edwards), Johnny Casalegno (Claude Hopper), Chris Christensen (Ray John), Roger Cody (David Johnson), Jim Daniels... / Cópia: DCP, a preto-e-branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 43 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**WHAT REALLY HAPPENED TO BABY JANE / 1963**

*Um filme de Connie B. de Mille*

*Realização e Produção: Connie B. de Mille / Interpretações: Freida (Babby Jane), Rozberri (Blanche), Clod Hopper, Patti Pope, Loretta, Tony Silva, Mazie Meland, Cora Miles / Argumento: Loretta / Som: Hattie / Localizações: Betty, Harriet, Rita / Cópia: DCP, a preto-e-branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 32 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 94 minutos.

\*\*\*

Na nota 26 do célebre artigo de Susan Sontag, «Notas sobre *Camp*», pode ler-se: “*Camp* é a arte que se apresenta como séria, mas que não pode ser tomada completamente a sério por ser ‘demais’”. Acrescenta, na nota 55, o seguinte: “O *Camp* não afirma que seja de mau gosto ser sério; não troça de quem consegue ser seriamente dramático. Limita-se a reconhecer sucesso em certos falhanços apaixonados”. E depois, na nota 58, remata: “declaração *Camp* mais extrema: é bom porque é horrível...” Ora, o que se passa com os exercícios de Connie B. de Mille, pseudónimo de Ray Harrison que alude a um tempo ido, o mais pomposo e exuberante, da Hollywood clássica, personificado pelas mega

produções de Cecil B. DeMille, é que resultam de um reconhecimento do *camp* como fenómeno *queer*, por um lado, e, por outro ou por causa disso, produzem uma espécie de *camp* ao quadrado, já que há uma dimensão flagrantemente paródica no seu trabalho de releitura desses clássicos que se apresentam como arte séria, mas que são talvez “too much” para serem levados (muito) a sério.

Tenha-se como exemplo o melodrama, adaptado do romance homónimo de Tennessee Williams, **The Roman Spring of Mrs. Stone** (1961), obra já de si algo grotesca mais na forma do que no fundo, com uma Vivien Leigh interpretando uma atriz no ocaso da carreira e subitamente enviuvada que se apaixona por um gigolô romano encarnado por Warren Beatty, que caprichou num dos mais estranhos sotaques italo-americanos para produzir a sua personagem retintamente homoerótica. Connie B. de Mille decidiu partir deste filme, lançado há pouco tempo (algo que se tornaria habitual, uma vez que passou a ser comum intervir sobre os clássicos populares que polarizavam, à altura, a atenção do público e dos *media*), transformando-o num melodrama caseiro, centrado na “disputa” por um *escort* devidamente tonificado e voluntarioso. De todos os filmes de Connie/Ray Harrison, este será aquele que usa o texto de origem mais como pretexto do que outra coisa qualquer. Homens travestidos a divertirem-se com homens musculados em vivendas sumptuosas – inadvertidamente ou não, o brincalhão **The Roman Springs on Mrs. Stone** vai converter-se num documentário sobre a vida dos membros do clube Gay Girls Riding Club (G. G. R. C.), sociedade homossexual *underground* que, além de realizar vários eventos (como a festa que se vê no filme), produziu sete obras realizadas por Connie/Harrison recorrendo aos préstimos dos seus membros para encarnar todo o tipo de personagens e jogando sempre, claro está, com os *tropos* da mitologia hollywoodesca, salientando tudo o que nela já era da ordem do *queer* ou do *camp*.

Há uma dimensão brincalhona, verdadeiramente despreziosa, nestes filmes que lembra algumas obras de natureza experimental realizadas por Jack Smith, Ken Jacobs ou Ron Rice. São filmes que apelam a uma diversão quase infantil de “brincar aos clássicos”, transformando o material dado – no caso, do cineasta José Quintero e do escritor Tennessee Williams – no palco para um jogo de máscaras em que o entretenimento “vem de dentro”, quer dizer, da manifestação de corpos que se metamorfoseiam numa festa em que se celebra a fluidez ou o hibridismo identitário. Não é de somenos importância, e talvez reforce até a natureza documental destes filmes, a cena da festa, constituindo-nos a nós, espectadores, como testemunhas privilegiadas de um espaço raro não tanto de liberdade mas da mais pura libertação emancipatória, em que estes homens se expressam livremente, libertando – “finalmente”, apetece escrever – a sua muito reprimida *queerness*.

**Spy on the Fly** terá sido o único dos sete filmes do G. G. R. C. a não adaptar um texto fílmico prévio, mas ao mesmo tempo trata-se de um autêntico compêndio de lugares-comuns relacionados com o universo dos filmes de espionagem, em particular do mais famoso agente especial do mundo. Obra essencialmente muda, percorrendo inúmeros cenários naturais da cidade de Los Angeles, **Spy on the Fly** está cheio de motivos para tornar o transformismo numa essencialíssima arte da sobrevivência. O agente especial, aqui encarnado pelo muito expressivo Warren Freming (talvez o ator mais talentoso do grupo G. G. R. C.), é o fiel depositário de planos *top secret* relativos a uma nova bomba atómica. “Meio mundo” anda atrás dele... ou dela, já que o agente, desde cedo, decide “disfarçar-se” de mulher para facilitar a sua tarefa de entregar os ditos planos a quem de direito sem ser detetado pelo caminho. Trata-se de uma diversão *camp* com muito *swing*, que em larga medida atualiza, na sua gramática fílmica, os *tropos* da comédia burlesca de

Mack Sennett e Charles Chaplin (para se descobrir o Charlot *queer*, veja-se o magnífico **The Masquerader** [1914]).

O prato forte desta sessão fica reservado para o fim: **What Really Happened to Baby Jane** é o suprassumo do tal “*camp* ao quadrado” que referi atrás. O extraordinário filme de Robert Aldrich, **What Ever Happened to Baby Jane**, lançado apenas um ano antes desta paródia assinada (de novo) por Connie B. de Mille, é o cume de uma cultura *camp* tão inadvertida quanto poderosa desenvolvida no coração da indústria americana. O embate – épica *cat fight* – entre Bette Davis e Joan Crawford representa, neste âmbito, um dos momentos mais altos desse gosto pelo grotesco e pelo excessivo de que foi – e continua a ser feita – a grande “Babilónia Hollywood”, para citar o título de um famoso livro de Kenneth Anger (referência de maneira alguma despicienda aqui). A rivalidade “histriónica” entre as duas atrizes fazia saltar a ficção para as parangonas da imprensa cor-de-rosa e rapidamente daí, mais uma vez, para a ficção. As barreiras entre o que era mito e o que era autêntico diluem-se por completo sempre que entramos no domínio dessa rivalidade entre essas duas antigas estrelas de cinema. Connie decidiu, então, recriar **What Ever Happened to Baby Jane** tornando o que já era grotesco em algo ainda mais carnavalesco e até absurdo – como se vê pelo desenlace na praia, este sim especialmente próximo do espírito dos filmes *underground* de Ken Jacobs ou Jack Smith. Naturalmente, temos homens travestidos e, ainda mais naturalmente, estas “criaturas flamejantes” consomem-se mutuamente, até ao delírio absoluto. O que é muito grotesco no original (fala-se do início de um subgénero designado “hag horror”, isto é, “o horror das megeras”), é grotesco para lá da nossa imaginação aqui, nesta releitura *gay* de uma produção de Hollywood – esfuziante amadorismo que exhibe, orgulhoso, todas as suas costuras.

Parece que Connie pegou numa tirada de Joan Crawford no filme original e virou-a do avesso, quer dizer, *com* e *contra* a criação de Aldrich: “You weren’t ugly then. I made you that way.” Ainda mais feio, sim, mas também, e é aí que o *camp* faz o seu milagre, sendo algo mais do que a mera paródia, isto é, mais poético e, inesperadamente, terno – tenho de regressar, neste âmbito, ao desenlace de **What Really Happened to Baby Jane**. O impressionante desenlace do filme de Aldrich sublinha o estado de alheamento da personagem de Davis, a dita Baby Jane, atriz-criança há muito esquecida, hoje uma adulta caída em desgraça. Ela realiza um *comeback* do seu antigo número de dança numa praia pública, recebendo dos veraneantes que assistem a este “espetáculo” apenas comentários jocosos ao invés dos sorrisos enternecidos e das saudosas palmas. Nesta versão de Connie, as duas irmãs em certa medida reconciliam-se, com a personagem interpretada no original por Joan Crawford a “devolver” à irmã enlouquecida o prémio de interpretação que um dia a consagrou. Num final alucinado – por quem ao certo? Será pelo filme, que, ele próprio, não só no fundo como na forma, virou *queer*? – as personagens dão as mãos e dançam e cantam... e são felizes. É possível haver beleza e alegria entre as megeras deste mundo. Connie acreditava plenamente na capacidade de, como um dia Baudelaire prescreveu, nomeadamente para a sua *ars poética*, tornar o horrível em belo. E eu acrescento: tornar o horrível numa estranha forma de ternura ou amor às personagens.

Luís Mendonça